

A MULHER DESAPARECIDA

«Sara Blædel
está sem dúvida
entre os melhores.»
Camilla Läckberg



SARA BLÆDEL

A RAINHA DINAMARQUESA DO THRILLER

TOP
SEL
LER

*Para a Annegrethe,
com todo o meu amor*

a tua filha

PRÓLOGO

Os ramos partem-se sob os seus pés quando, com esforço, se embrenha na vegetação. O crepúsculo envolve-o e, do casaco de couro, escorrem-lhe pequenas gotas de chuva. A luz quente e acolhedora da cozinha está acesa, tal como em duas outras divisões nas traseiras da casa. Ela está diante do lava-louça e movimentada as mãos sob a água que corre da torneira.

O húmido nevoeiro de janeiro oculta-o quando dá um passo em frente e abandona o abrigo dos arbustos. Há algo de sensual na forma como ela enxagua cuidadosamente as mãos no avental antes de prender o cabelo comprido num puxo atrás do pescoço. Os seus movimentos são lentos, mas, ao mesmo tempo, enérgicos.

A mulher sente saudades, está triste. É evidente.

A filha entra na cozinha. Despe o curto casaco de couro e atira-o para a cadeira junto à mesa oval. Terá 15 ou 16 anos, presume ele. Já a vira, mais cedo, quando ela regressava a casa vinda da escola. Seguia a pé com o seu uniforme, uma sacola sobre o ombro, os olhos fitos no chão. Calada, carrancuda, com o típico comportamento de uma adolescente e, no entanto, bonita de um modo introvertido, distante, pensara ele ao esconder-se no carro.

A mulher, ainda ao lava-louça, volta-se, por vezes, para falar, e ri do que a adolescente lhe diz. Por fim, vira-se para algo pousado

na mesa da cozinha. Com a ajuda dos binóculos, ele concentra-se no seu rosto esguio e analisa, com a intenção de as memorizar, as suas feições femininas, o modo como se formam rugas em redor dos seus olhos quando sorri. Deseja recordar-se de todos os detalhes.

Uma das alças da blusa da filha cai-lhe sobre o ombro, e ele observa a sua clavícula saliente e a curva atraente abaixo do pescoço. Dá mais alguns passos em frente e afasta os ramos. A mãe ri de novo e volta-se para a rapariga. Está, portanto, de costas para ele — uma silhueta na janela iluminada.

Sente-se quase parte do que acontece na cozinha, como se estivesse dentro da casa. Imagina os aromas que exalam dos tachos ao fogão e a conversa animada entre as duas, como falam sobre o seu dia daquela maneira tão íntima e única, apenas possível entre mãe e filha.

Ele aproxima-se um pouco mais e sai do meio dos arbustos. Atrás de si, estende-se o campo aberto, e as casas geminadas la-deiam a estrada principal e o parque de estacionamento meio vazio do bar. Há muito espaço entre os poucos carros, pois a chuva incita os clientes a permanecerem em casa. Agora, as casas da vizinhança têm as luzes acesas e, de vez em quando, alguém passa na rua estreita, mas todos parecem querer fugir da chuva.

Um carro passa devagar fazendo com que ele rapidamente regressasse aos arbustos com o coração descompassado. Pragueja em voz baixa quando um ramo lhe arranha uma das faces e o sangue quente lhe escorre pelo queixo abaixo. Os faróis do carro não o expõem por muito pouco. Ele fecha os olhos e sustém a respiração por um momento. Depois, expira com força. *Acalma-te*. De repente, sente o frio — está enregelado, embora esteja a usar um casaco quente, gorro e luvas. Sente o frio dentro de si, bem no seu interior. Todo ele está molhado e frio após esperar no carro e, depois, à chuva. Esquecera-se de calçar meias térmicas.

Por instinto, agacha-se quando o marido entra na cozinha com uma garrafa de vinho na mão. O homem diz alguma coisa

à esposa e gesticula, com aparente irritação, à filha. Em seguida, aproxima-se dela e puxa-lhe a alça da blusa até ao ombro.

Embora não ouça uma única palavra do que dizem, é fácil perceber a reação da rapariga. Contraí o rosto e grita ao pai, dá meia-volta e sai da cozinha de rompante. Ele quase consegue ouvir a porta bater.

O pai abre um armário fixo na parede e pega em dois copos. Começa a abrir a garrafa de vinho. A mulher, bem visível pela janela iluminada, encontra-se ainda ao lava-louça, onde escoo água a ferver do tacho que tirou do fogão. Ele sente calafrios quando, de súbito, ela ergue o olhar e parece vê-lo, por entre o vapor, escondido ao abrigo do crepúsculo, como se sentisse a sua presença. Por um breve momento, o vapor embacia a janela, e a película acinzentada transforma a mulher numa silhueta em movimento. No entanto, o vapor evapora-se rapidamente, e ele avista-a, de novo, com nitidez.

Sob a chuva irritante, encosta a coronha da arma ao ombro, fixa o olhar na mira, respira fundo e prime o gatilho. A bala atinge-a no meio da testa, mesmo acima dos olhos.

Observa as reações do homem, que parece mexer-se em câmara lenta. A garrafa de vinho cai-lhe da mão e ele vira-se para a mulher e para a janela da cozinha estilhaçada, assim como para o sangue que, jorrando, o salpica antes de ela tombar no chão.

Segundos depois, quando ele se está a refugiar nos arbustos, ouve uma porta a fechar-se. Vislumbra a filha diante da porta da frente.

Mantêm-se, por um instante, imóveis no nevoeiro cinzento do fim da tarde, e, então, ela vê a janela e grita ao correr de volta a casa.

Ele retoma o seu caminho por entre os arbustos e estuga o passo de volta ao carro.

Louise Rick recostou-se na cadeira no seu gabinete na Agência Especial de Busca e observou o parceiro, que, sentado no chão, cuidava de *Charlie*. O cão-polícia, agora aposentado, encontrava-se deitado de lado e, com toda a paciência, permitia que lhe limpassem as patas e, assim, lhe removessem a neve e o sal usado na estrada. Eik Nordstrøm esfregou-o com uma toalha; depois, aparou-lhe os pelos entre as almofadas das patas e untou-as com vaselina, sem parar de elogiar o cão. Por fim, Louise revirou os olhos e abanou a cabeça.

Eik tinha na sua secretária um livro que explicava como tratar de cães.

É impressionante, pensou ela. Louise mal conseguia acreditar que um pouco de neve na rua exigisse tais cuidados. Jamais tirara o sal das estradas das patas de *Dina*, e muito menos untara as suas almofadinhas com vaselina. Se alguém o fizera, esse alguém fora Jonas. Afinal, fora o seu filho adotivo quem emprestara o livro a Eik.

Ao ver como o polícia moreno cuidava, com carinho, do grande pastor-alemão, apercebeu-se de que sentiria imensas saudades dele caso saísse do seu apartamento e deixasse de morar consigo.

Ele esticou-se no chão e agarrou na pata traseira de *Charlie*.

Meio ano antes, Louise sentira-se apreensiva quando Eik, à época o seu novo namorado, se mudara para a casa onde vivia

com Jonas, enquanto Camilla se alojava no estúdio dele, em Sydhavnen, juntamente com o marido e Markus, o filho. No entanto, tudo correria bem. Na verdade, correria tão bem, que a simples ideia de ver Eik regressar ao seu apartamento lhe parecia, agora, péssima.

Fora Eik quem sugerira que Camilla e Frederik ficassem em sua casa. Precisavam de um local para viver após a mansão do casal, situada perto de Roskilde, ter ardido por completo. Markus entrara num colégio interno com Jonas, por isso, embora o apartamento fosse pequeno, sentiam-se apertados somente aos fins de semana, por ocasião das visitas do filho.

Louise desconfiava que Camilla e Frederik se tinham, na verdade, cansado de viver na mansão com os seus painéis de madeira e belos tetos de estuque, e que queriam regressar à cidade, embora não fosse fácil passar de um espaço de mil metros quadrados para um de 48. Assim que teve alta do hospital, no qual ingressara em resultado do incêndio, Frederik deixou bem claro que não reconstruiria a casa onde passara a infância, e Louise compreendeu o motivo que o levava a tomar tal decisão. Associavam-se à propriedade um péssimo karma e demasiadas histórias antigas, que tornavam difícil fugir ao passado e aí viver com o olhar posto no futuro.

Contudo, já estavam a seguir em frente. Tinham, recentemente, adquirido um apartamento espaçoso no último andar de um prédio em Frederiksberg, a poucos quarteirões de onde Camilla e Markus viviam antes de esta conhecer Frederik. Contudo, os últimos seis meses haviam decorrido tão depressa, que Louise e Eik não tinham, de facto, conversado acerca do que fazer assim que o apartamento dele estivesse, de novo, disponível.

— Gostava de saber qual a opinião de um cão da zona alta ao regressar a Sydhavnen — disse ela, provocando-o.

— Pois, a vizinhança de Sydhavnen não deve fazer o género dele — disse Eik, sem levantar a cara; tratava da última pata.
— Bem sabes como o *Charlie* gosta de cheirar as senhoras finas

na Allégade. Além disso, tem todas as suas namoradas nos jardins de Frederiksberg.

— É possível — disse Louise. Eik levantou-se e atirou uma guloseima ao cão, agora limpo. — Mas o Frederik e a Camilla mudaram-se ontem. E deixa-me cá pensar... se a memória não me falha, tínhamos acordado que só ficarias em minha casa até encontrarem outra habitação.

Ele hesitou por um momento, mas sorriu e retorquiu:

— Ah, mas eu não te disse que, hoje à tarde, o Olle vai passar lá por casa com a carrinha para levar as minhas coisas? — olhou para o grande pastor-alemão. — E um cão tem de aprender a viver em todo o género de ambientes.

Falou com tanta ligeireza, que Louise se viu obrigada a baixar o olhar para a mesa. De repente, viu-se sem palavras. Não queria que ele se fosse embora, porque viver com Eik era-lhe algo que surgia como natural, e sentia-se segura.

— Então?! Acreditaste? — ele acercou-se dela e beijou-a no pescoço. — Não vou a lado nenhum. Só temos de decidir se devemos manter o apartamento de Sydhavnen. Quem sabe? O Jonas talvez o queira um dia. Ou talvez nos devamos ver livres dele. Mas é tão barato, que podemos conservá-lo.

Louise sentiu o nó dentro de si aliviar-se. Eik fez a cadeira dela rodopiar até si, e ela levantou-se e abraçou-o com intensidade. Soltou-o por um instante, para logo o abraçar de novo, e agarrou-se-lhe ainda com mais força quando ele lhe puxou a blusa para cima. Ela inspirou o cheiro a couro, cigarros, gel de cabelo e a algo indefinível mas inconfundível, um odor tão seu. Louise passou-lhe as mãos pelo cabelo preto e comprido e retribuiu-lhe o beijo.

Nenhum dos dois reagiu a tempo quando a porta do gabinete se abriu. Rønholt estacou no vão da porta, murmurou um pedido de desculpas envergonhado e, em seguida, deu um passo atrás e fechou a porta. Depois, deu três fortes pancadas na porta e entrou de novo.

— Far-me-iam a gentileza de ir ao meu gabinete? — e ao dar meia-volta para se afastar, acrescentou: — Convenientemente vestidos, por favor.

RAGNER RØNHOLT ERA chefe do Departamento de Buscas há mais de 20 anos. Há um ano, recrutara Louise, que trabalhava então no Departamento de Homicídios. Aproximava-se, de forma inexorável, da idade da reforma. Ninguém sabia quando planeava abandonar as suas funções, mas tornava-se claro que ansiava pela terceira idade e as subsequentes viagens culturais e férias com passeios de bicicleta pela Europa. Louise pouco sabia acerca da sua vida privada, exceto que não era casado, conquanto dividisse o seu tempo entre duas amigas, com quem mantinha relações duradouras. Convidava Pytte para concertos no auditório da Rádio Dinamarca e levava-a também de férias para cidades grandes, enquanto, por outro lado, Didder se sentia melhor na cozinha da sua casa em Skodsborg, onde ele se mostrava presrável nas reparações domésticas. Rønholt, por seu turno, residia num apartamento espaçoso na Østbanegade e tinha orquídeas nos parapeitos das janelas.

Certa vez, Hans Suhr, o chefe do Departamento de Homicídios, chamara ao colega lobo solitário e hedonista, pois seria um homem que condicionara a vida aos seus desejos. O diretor do Departamento de Buscas não perdia tempo, no seu dia a dia, a fazer concessões aos outros. Fazia o que queria e quando queria.

— Isto não pode continuar assim. Mas têm ambos noção disso, não têm? — disse ele quando Louise e Eik se sentaram no seu gabinete.

Na parede atrás da porta, estavam penduradas três camisas brancas acabadas de engomar e cobertas por plásticos de uma lavandaria na Vesterbrogade, e, no chão, um par de ténis de ciclismo que Rønholt calçava antes de voltar para casa na sua nova bicicleta. Era, portanto, o equipamento normal para um homem que se aproximava da reforma. Embora Louise nunca o tivesse

visto usar uma camisola de uma das equipas da Volta à França, nem calções de ciclismo.

— Todos sabem que vocês vivem juntos, por isso, temos de encarar o facto de um ter de ser transferido do departamento.

Nenhum dos dois falou.

— Para já, mantenhamos apenas os olhos e os ouvidos bem abertos — ele pegou num papel que tinha na secretária. — Há, por exemplo, uma vaga aberta na esquadra de Næstved.

Fez deslizar o papel sobre a mesa.

— Estou disposto a ouvir sugestões para a resolução deste problema. Qual dos dois quer experimentar algo novo?

Uma vez mais, nenhum dos dois falou. Louise pegou no papel e, quando ambos se levantaram, prometeu que encontrariam uma solução.

— ELE TEM RAZÃO — disse ela enquanto regressavam ao gabinete. — Não podemos ser parceiros de trabalho se pretendemos continuar a viver juntos. Mas ir para Næstved? Nem pensar!

— Já sabes como é o Rønholt. Acaba por passar-lhe — disse Eik, que lhe pôs o braço em volta dos ombros. — Fazemos uma boa equipa, e se as pessoas começarem a mexericar, regresso ao meu antigo gabinete.

Louise levantou a mão.

— Não — disse ela. — Não somos diferentes de qualquer outra pessoa que aqui trabalhe. Não podemos andar por aí juntos.

— Tudo bem, rendo-me. Encontraremos uma solução — ele fechou a porta do gabinete e afagou *Charlie*. — Estás entusiasmada com o concerto de logo à noite?

Louise sorriu.

— O Nick Cave é mais a tua onda, mas já faz muito tempo que não vou a um concerto, por isso estou ansiosa — respondeu ela. — Falei com a Camilla e o Frederik. Encontram-se connosco diante do Vega meia hora antes de o espetáculo começar, para que possamos beber uma cerveja. Tens os bilhetes?

Eik ergueu uma sobrancelha e fitou-a. Louise compreendeu o olhar: estava a ser demasiado maternal.

— Está tudo sob controlo — replicou ele e, sem nada mais dizer, ligou o seu computador.

Ela ficou, por um instante, pasmada. Não tinham ainda limado todas as arestas da sua relação, e sabia que este género de situação ocorreria de vez em quando enquanto se habituavam a uma vida em conjunto. Tratava-se ainda de uma longa festa para ambos, e ela adorava acordar ao seu lado todas as manhãs e adormecer com ele todas as noites. Porém, dera por si, algumas vezes, a apanhar as suas calças de ganga pretas do chão e a pou-sá-las numa cadeira, e tinha agora de se afastar de um dos pontos sensíveis do namorado. *Já percebi*, pensou ela, e concentrou-se de novo na vaga de emprego disponível descrita no papel que Rønholt lhes entregara.

— Um de nós acabará a trabalhar fora da cidade se não começarmos a analisar outras possibilidades por aqui — disse ela. — E como fui eu a última a entrar, é justo que seja eu a sair.

Eik estava agora de pé, e tirou a trela do cão do bolso do casaco.

— Veremos — ele parecia não encarar o problema com seriedade. — Vou lá abaixo buscar um maço de cigarros e dar um passeio com ele. Anda, *Charlie*.

Ela ouviu-o assobiar no corredor. Era, muito provavelmente, uma canção de Nick Cave, apesar de não a reconhecer.

Fevereiro de 1996

Aos poucos, todos se tinham calado na sala do crisma. Os adolescentes, sentados, não se mexiam, e o pastor afirmava que a morte era um fenómeno natural, fazia parte da vida, e que Deus nem sempre nos dava a saber que ela se aproximava. O seu marido era um verdadeiro especialista no que concernia a despertar o interesse de adolescentes inquietos e a fazer com que o ouvissem. Sofie nunca percebera bem porquê. Talvez achassem interessante aquilo que lhes dizia, ou quiçá se devesse ao facto de os rapazes respeitarem a sua prestação como treinador no clube desportivo e quererem agradar-lhe no momento em que a referida equipa subia a uma divisão superior.

Stig jogara andebol na seleção dinamarquesa de juniores antes de se tornar pastor e de se mudar para a cidade, e, depois de começar a treinar a equipa, a mulher obteve a concessão do quiosque do pavilhão desportivo. Ao recordar-se de tudo isso, sorriu e pegou num lápis que estava na mesa. Depois, levantou o cabelo e prendeu-o num puxo com a ajuda do lápis. Dispôs, em seguida, a manteiga, bolachinhas de chocolate e o queijo fatiado na mesa. Por fim, encheu o cesto com pãezinhos frescos.

— Ora bem, cá temos os nossos pães. Acabados de sair do forno — disse ela, interrompendo a aula de preparação para o crisma ao abrir a porta. O marido sorriu e fez-lhe sinal para

que entrasse. — Também tenho sumo e chá. Podem servir-se dos copos de papel que estão no armário.

Tinham por hábito servir alguma comida e bebidas na casa pastoral. Ao início, ela e Stig haviam discutido a possibilidade de tal decisão poder ser encarada como um suborno, mas, no fim, concluíram que desejavam ver os seus convidados satisfeitos e, além disso, os preparativos para o crisma não deveriam ser um suplício. A turma da tarde tinha direito a uma sanduíche ou bolinho, e serviam um pequeno-almoço à turma da manhã.

Enquanto os jovens comiam, Sofie ouviu uma rapariga perguntar a Stig se ele acreditava na existência de uma vida após a morte. Ele respondeu que não havia como evitar o fim da vida. Porém, disse que não, não o reconfortava a crença numa nova vida que o esperasse no outro lado. Acalmava-o, isso sim, saber que Deus nos chamava no momento em que estávamos prontos para partir desta vida. Inclusive quando a morte parecia cruel e brusca. Acreditava que, no outro lado, nos aguardava somente a paz do Paraíso.

— E só Deus sabe qual o momento certo para cada pessoa — disse ele quando ela esvaziou o cesto do pão.

O telefone da cozinha tocou. Sofie sorriu-lhe e fechou a porta ao sair.

— A sua mãe não bebe a bebida proteica que lhe deixo em casa — disse, de rompante, a auxiliar de cuidados geriátricos da sua mãe quando atendeu o telefone. — E isso não é nada bom. Ficaré ainda mais fraca, recomeçará a sentir falta de ar, e depressa regressará ao hospital. Tem de falar com ela!

— Passo por aí ainda hoje — disse apressadamente Sofie. Desligou o forno e humedeceu o pano com que cobrira os pães que levedavam.

Prestes a desenterrar as suas botas de debaixo da montanha de calçado dos jovens, reparou no estojo da arma aberto. Ficou de tal forma furiosa, que estavas prestes a gritar. Stig raramente dizia ou fazia algo que a irritasse, mas o descuido de se esquecer

de fechar as armas de caça com a casa cheia de miúdos era típico do marido.

— Podes vir aqui trancar as armas no armário, se faz favor? — gritou-lhe ela através da porta. Vários rapazes riram-se à socapa. Ela já antes representara aquela cena, e a situação continuava a ser engraçada.

POUCO RESTAVA DA SUA mãe. Menos de uma semana atrás, tivera alta do hospital na sequência de uma pneumonia grave. A sua contagem de leucócitos era altíssima, e a infeção alastrara-se de forma muito veloz para o sangue. Agora, estava sentada no sofá com um cobertor por cima e um livro grosso no colo. Estava a ler o livro ou a usá-lo para lhe conferir tão-somente um aspeto de dignidade? Numa ocasião, Sofie apanhara a mãe a ler um livro ao contrário.

Ela tinha 67 anos, porém, depois de lhe diagnosticarem esclerose múltipla, a sua condição física depressa se deteriorara. De repente, era uma idosa. Sofria também de artrite nas mãos, nos ombros e nas costas. Sofie sabia que a sua mãe sentia dores piores do que aquelas de que se queixava, e a senhora já não conseguia esconder o seu cansaço.

A mulher outrora enérgica e cheia de vida desaparecera por completo. Ainda limpava o seu pequeno apartamento por cima da loja da florista, mas decorrera já imenso tempo — sem que alguém pensasse o que quer que fosse sobre o assunto — desde que cuidara da sua grande casa, aparara o enorme relvado e lavara as janelas antes de conduzir o carro até à sua loja. A deterioração instalara-se aos poucos. Era como se a energia lhe fosse lentamente sugada.

— Oh, é tão irritante ser-se velha. Não tenho jeito para a coisa — dizia ela amiúde.

Agora, chegara ao ponto em que o dia era fenomenal se a mãe tivesse força suficiente para sair da cama e beber uma chávena de café enquanto lia o jornal.

NÃO HAVIA MAL nenhum em começar o dia devagar, como afirmou Sofie quando a mãe se mostrou abatida por ser velha e não conseguir fazer nada:

— Não tens de fazer o que quer que seja. Não há problema nenhum em abrandar um pouco. Mas tens de beber a mistura de proteína — acrescentou, em seguida, e deu-lhe um beijo na face —, ou enfiam-te de novo no hospital.

Os olhos da sua mãe, de um azul-metálico, tinham-se esbatido no decurso do último ano.

— Oh, Sofie, não quero continuar a viver. Tens de aceitar que chegou a minha hora; não me restam forças.

— Deixemo-nos dessa conversa por agora, mãe — ela dirigiu-se à cozinha, de forma a levar-lhe a bebida proteica. — Não quero perder-te.

Sofie sentou-se ao seu lado no sofá.

— E não me vou embora enquanto não beberes isto. Depois, passo pela farmácia para ir buscar os teus comprimidos. Que precisas que te traga do supermercado?

A mãe pousou-lhe uma mão no braço.

— Querida... tu própria o admites. Não reparas? Já nem sequer consigo ir à rua.

— É apenas uma situação passageira. Acabaste de regressar a casa, e sentimo-nos sem forças sempre que ficamos internados no hospital.

— Não. Agora, a minha vida é esta — disse a mãe, e deixou que a mão lhe caísse. — Já não sou o que era.

Sofie não conteve as lágrimas, ainda que o tentasse. Tinham tido aquela mesma conversa muitas vezes, todavia, jamais lhe parecera tão séria, tão próxima.

A mãe deixara-lhe já bem claro que queria partir assim que perdesse a vontade de viver. Haviam abordado tal possibilidade ainda antes da morte do pai de Sofie. Na verdade, Sofie

até receara que a sua mãe se suicidasse se o pai falecesse primeiro. No entanto, não fora esse o caso. A idosa nem sequer o mencionara nessa altura, embora fossem óbvias as saudades que sentia dele.

Um ano após a sua morte, Sofie convidara a sua mãe para sair e, durante toda uma noite, conversaram sobre o direito de se querer pôr fim à vida quando já não se quer continuar a viver.

— É claro que não é uma decisão fácil, algo que se faça de ânimo leve — dissera a mãe, de forma a acalmar a filha. — Mas a vida pode conduzir-nos a um lugar onde não queremos estar e, nessas circunstâncias, prefiro que me permitam partir. Prometo-te, contudo, que aguentarei o máximo que me for possível.

Sofie afagou-lhe a mão antes de entrar na casa de banho para se recompor. Para conter as lágrimas. Curvou-se, por um instante, sobre o lavatório, assoou o nariz, respirou fundo e regressou à sala de estar.

— Mas não tem de ser agora — disse ela ao sentar-se de novo. — Não gostarias de ver a primavera?

A mãe deu-lhe novamente a mão.

— Já não tenho forças.

— Mas sabes, pelo menos, qual a dose de medicamentos de que precisas para fazer isso? — irrompeu Sofie, que lhe apertou a mão. — Não quero chegar aqui e encontrar-te numa poça de sangue, e não tentes fazer nada com o forno a gás. Poderia ser perigoso para os vizinhos.

Permaneceram, por um momento, em silêncio.

— E que devo fazer enquanto morres? Queres que fique aqui sentada contigo? Ou devo andar pela casa, sabendo eu o que está a acontecer? Não sei se aguento!

A mãe abanou, com serenidade, a cabeça.

— Não falemos mais sobre isso — disse ela, e pegou no pacote da bebida proteica que Sofie lhe pusera à frente.

— Compreendo-te, e não quero ser egoísta — disse, algum tempo depois, Sofie, voltando a segurar-lhe na mão. — Quero

libertar-te. Amo-te muito e nem sequer consigo expressar as saudades que terei de ti.

— Eu também te amo — disse a mãe, pousando o pacote vazio na mesa.

— **V**iste o Eik? — perguntou Louise a Olle Svensson quando o encontrou, por acaso, no corredor diante da cantina. O detetive de cabelo ralo partilhara um gabinete com Eik antes de Rønholt o juntar a Louise e fazer deles parceiros de trabalho.

— Não, ele não apareceu para tomar o pequeno-almoço. Provavelmente, está lá fora a chupar um dos seus palitinhos de cancro — Olle bebericou o café que tinha na mão.

Louise abanou a cabeça.

— Já passam duas horas desde que desceu para ir buscar cigarros e passear o *Charlie*, e acho estranho que ainda não tenha regressado.

A expressão facial de Olle não lhe agradou. Os olhos castanhos arregalaram-se-lhe, e não quis ouvir o que ele se preparava para dizer. De repente, interrogou-se se de facto Eik e Olle teriam mesmo falado sobre mudarem as coisas do Eik lá de casa. Não tinha sido só a brincar?

— Ainda há café? — perguntou ela ao apontar para a chávena de Olle. Contudo, antes que ele pudesse responder-lhe, dirigiu-se à cantina.

O *RØNHOLT TEM razão*, pensou Louise ao regressar ao seu gabinete. A situação era demasiado constrangedora. Não podia sequer mencionar o nome do parceiro a um colega do departamento sem que a pergunta parecesse insinuar algo mais íntimo. Mas onde raio se metera ele? Decerto não se teria sentido insultado a ponto de desaparecer por ela lhe perguntar tão-somente se tinha os bilhetes consigo!

Irritada, levantou-se e aproximou-se da janela. Era patético. Fosse outro colega e ela teria simplesmente assumido que ele terminara o trabalho por aquele dia e se esquecera de se despedir. Ou que surgira alguma coisa urgente.

Ou não seriam essas as suas conclusões?

Ela esticou-se um pouco mais e olhou para o cão que estava preso, pela trela, a um gancho diante do quiosque. Era em tudo semelhante a *Charlie*. Esperou, durante muito tempo, que Eik saísse da loja, mas, quando a porta se abriu, por fim, avistou apenas uma idosa com o seu carrinho das compras. Depois, o dono do quiosque saiu e pôs um balde de plástico com água na neve junto à parede do estabelecimento. Fez festas ao cão, disse-lhe alguma coisa e apontou para o balde.

Ora, era mesmo *o Charlie!* Não havia qualquer dúvida. Quanto a Eik, nem sinais dele.

Louise demorou dois minutos a desligar e fechar tudo no seu gabinete e a bater com a porta. Correu pelas escadas abaixo e rapidamente chegou à praça diante da esquadra.

O pastor-alemão começou a abanar o rabo assim que ela se acercou dele.

— Onde está o Eik? — perguntou Louise depois de entrar de rompante no quiosque e de constatar que não havia mais clientes.

O dono do quiosque saiu de detrás do balcão e abanou a cabeça.

— Não sei. Desapareceu. Comprou cigarros e esqueceu-se do cão. Trouxe-o para dentro, mas ele começava a rosar sempre que entrava um cliente. Já lá vão quase duas horas, no entanto, e está frio lá fora.

Encolheu os ombros até às orelhas e ofereceu-lhe um sorriso, como que resignado com a situação.

— O *Charlie* esteve na rua este tempo todo? — perguntou ela. — Que disse o Eik quando se foi embora? Não se pode ter simplesmente esquecido dele!

O dono do quiosque encolheu outra vez os ombros.

— Comprou um maço de cigarros *Prince*, como é hábito, e um isqueiro novo. Pagou e foi-se embora. Nunca mais o vi!

Louise telefonou a Eik, mas ele não atendeu o telemóvel. Quando tentou o telefone de casa, foi reencaminhada para o atendedor de chamadas. Pensou um pouco antes de ligar para o gabinete de Rønholt. Não lhe agradava envolvê-lo ainda mais na sua vida privada, por outro lado, o seu chefe podia ter pedido a Eik que fosse a um sítio qualquer e ter-se esquecido de lho referir.

— Não o vejo nem sei nada sobre ele desde que saíram do meu gabinete — disse ele; parecia um pouco preocupado. — Mas ele já é crescidinho e, normalmente, consegue cuidar de si.

Telefonar-lhe fora um erro. Atirou o telemóvel para a mala e soltou a trela de *Charlie*. Estava tão furiosa, que decidiu caminhar até casa, em Frederiksberg. Que Eik se tivesse ido embora de repente e deixado o cão na rua com aquele frio já era mau; que a tivesse feito parecer uma completa idiota ainda era pior.

O APARTAMENTO NO quinto andar estava vazio. Louise não se habituara ainda à ausência de Jonas, que residia no colégio interno durante a semana. A casa parecia-lhe demasiado silenciosa quando o filho não estava presente. Inspeccionou as quatro divisões e constatou que ninguém estivera ali desde que tinham saído de casa naquela manhã. Desceu ao andar de baixo e tocou à campainha de Melvin.

— Acabámos de chegar dos Jardins de Frederiksberg — disse-lhe o vizinho. Agradava-lhe cuidar de *Dina*, uma vez que Jonas só vinha a casa nos fins de semana. Louise acariciou a sua Labrador amarela e perguntou a Melvin se vira Eik.

— Não, mas acho muito estranho que se tenha esquecido do *Charlie*.

Melvin convidara-a a sentar-se no seu sofá e servia-lhe agora uma chávena de café.

— Aquele cão é a sua cara-metade. Ou quase.

Piscou o olho a Louise.

Ela abanou a cabeça e olhou para a flor vermelha na mesinha de café. De facto, era estranho. A menos que tivesse irritado Eik mais do que ele lhe dera a entender. Contudo, não podia envolver o seu vizinho de 78 anos nessa situação.

Reconfortara-a um pouco sentar-se no sofá de Melvin. O cheiro dos charutos que ele fumava à noite entranhava-se nas cortinas, e Louise lembrava-se, assim, dos seus falecidos avós. Melvin tornara-se membro da família pouco depois de Jonas começar a viver com ela. Conhecia-o há muitos anos, bem antes de Jonas perder o seu pai. O vizinho de baixo vivera muitos anos na Austrália, onde se mantivera até a sua esposa adoecer. Durante o tratamento, os médicos tinham-lhe dado os medicamentos errados e, em consequência, a mulher sofrera lesões cerebrais e passara os últimos 13 anos de vida em coma. Felizmente, Melvin conseguira levá-la para a Dinamarca, e a mulher passara os seus últimos quatro anos num lar a cinco minutos de distância do apartamento dele, conquanto jamais recuperasse a consciência. Fora sepultada pelo pai de Jonas.

— Ele aparece — disse ela depois de beber o seu café. — Quanto mais não seja por irmos a um concerto hoje à noite. Tens planos para logo?

Louise tentava dar à conversa o tom mais natural possível.

— A Grete e eu vamos a uma palestra no Museu Storm P. Começa às seis e meia, por isso, acho que vamos comer qualquer coisa antes.

Louise sorriu. Ao início, Melvin dizia que Grete Milling era sua amiga, relativizando a importância da relação entre ambos, mas, aos poucos, tornou-se-lhe mais fácil aceitá-la como uma parte

natural de tudo o que fazia. Todos estavam contentes por os dois idosos se terem conhecido.

— É melhor voltar lá acima — disse ela, e levou a sua chave-na para a cozinha. — Tenho de tomar banho antes de me encontrar com os outros no Vega.

Na verdade, não lhe apetecia, de todo, ir ao concerto. Começava a sentir uma certa inquietação. Eik não fazia o género de deixar o cão na rua só por estar irritado. Algo não batia certo. Por mais que tentasse, não conseguia repelir a ansiedade. Esta, pelo contrário, aumentou quando mudou de roupa, alimentou os cães e fechou a porta da sala para que não saltassem para cima do sofá. Sempre que telefonava a Eik, a chamada era encaminhada para o serviço de mensagens de voz.

Louise foi de bicicleta até ao Vega, e enquanto seguia pela Enghavevej, foi tomada por toda uma série de dúvidas, por uma grande confusão, ansiedade e medo. Não lhe passava pela cabeça o que pudesse ter acontecido... Não se dava o caso de não poderem fazer coisas a sós. Desde que se avisasse o parceiro. Se Louise não tivesse espreitado pela janela, não veria *Charlie*, e teria provavelmente descido as escadas, passado diante da ala do Tribunal e saído do edifício. O cão estaria ainda agora à espera dele no meio da neve.

Suspeitava que algo de muito estranho se passava. Uma suspeita que se transformava em certeza a cada novo segundo.

A MULHER DESAPARECIDA

Num bairro familiar e acolhedor nos arredores de Londres, uma mulher foi alvo de um violento assassinio. Um tiro certo de uma caçadeira atravessou a janela da cozinha, onde ela se encontrava com o marido e a filha. A morte foi imediata.

Ao iniciar a investigação, a polícia local descobre que a mulher, de nome Sophie Parker, se tratava na verdade de uma cidadã dinamarquesa que se encontrava desaparecida há 18 anos. Louise Rick, chefe do Departamento de Pessoas Desaparecidas, fica responsável pelo caso. É então que novas e surpreendentes revelações desvendam que fora Eik, seu colega e amante, quem declarara o desaparecimento de Sophie.

Assim que é informado da morte de Sophie, Eik desaparece misteriosamente e, passadas 24 horas, é preso em Inglaterra e acusado de ser o responsável pelo crime.

Mais uma vez, Sara Blædel contempla-nos com uma história extraordinária onde a aventura, o suspense e o desespero são absolutamente reais. Nenhum leitor conseguirá ficar indiferente!

Da mesma autora:

«DEVORAMOS O LIVRO E NO FINAL
NÃO CONSEGUIMOS DEIXAR
DE PENSAR NELE.»

Oprah.com



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

2020 editora

ISBN 978-989-8800-91-6



9 789898 800916

Thriller